

DISCURSOS, DESEJOS E TRAMAS: as reinvenções amorosas e afetivas das mulheres de Teresina na década de 1970

Márcia Castelo Branco Santana *

Resumo: A segunda metade do século XX no Brasil emerge como um período de intensas mudanças sociais e econômicas, principalmente nos centros urbanos. Nesse contexto, são impressos na sociedade uma gama de novos costumes que refletem na formulação de novos comportamentos para homens e mulheres, ora moldando suas experiências às delineações tradicionais, ora trilhando por caminhos mais ousados. A partir desse panorama, indaga-se como na cidade de Teresina essas questões tiveram seus reflexos. Assim, esse trabalho enfoca Teresina, na década de 1970, buscando analisar os discursos e tramas ligados às experiências afetivas e amorosas no mundo feminino. Para isso utilizam-se as notícias, crônicas e comentários de jornais locais para evidenciar que práticas discursivas foram veiculadas e ditas como definidoras dos comportamentos femininos, naquele momento. Portanto, o trabalho procura compreender que discursos permearam as vivências das mulheres de Teresina nos anos de 1970, tendo como argumento central a questão de que as experiências afetivas femininas foram moldadas entre as projeções discursivas presentes na sociedade e nas práticas femininas.

Palavras-chave: Mulheres. Discursos. Afetividade.

Abstract: The second half of the 20th century in Brazil appears as a period of intensive social and economical changes, especially in the urban centers. In this context, many new values are printed in the society and they reflect on the formulation of new behaviors for men and women, as performing their experiences to the traditional roles, as going on by more daring ways. Apart this overview, it's questioned how these questions reflected on the Teresina city. Thus, this paperwork focuses Teresina, in the 1970s, trying to analyze the speeches and textures linked to affective and experiences in the female word. To get that the news, chronicles and comments of local newspapers are used to point out what speech practices were spread and said as practices to determined the female behaviors, in that period. Then, the paperwork intends to comprehend what speeches crossed the experiences of the women of Teresina during the 1970s, and the central argument is the question about the idea that shows that the female affective experiences were molded among the speech projections present in the society and in the female practices.

Key-words: Women. Speeches. Affectivity.

À medida que as mulheres transitavam com mais frequência por espaços públicos e privados, os padrões afetividades tradicionais se tornavam cada vez, mais difíceis de serem vivenciadas com sucesso na vida feminina. Isso porque as oportunidades advindas das mudanças econômicas que estavam em curso, no país, no decorrer dos anos 1960 e 1970

* Professora Auxiliar da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.

conjuntamente com uma concepção modificada, a partir do que se entendia por sujeito, possibilitaram a delimitação de outros objetivos no seu viver.

No caso das mulheres esses processos criaram estratégias e identidades múltiplas, pois essas estavam começando a conviverem com o desfraldamento de horizontes, que transformariam o que elas entendiam como os seus limites ou para Suely Rolnik “[...] elas estão se desterritorializando do lar, do ninho, da família” (ROLNIK, 2006: 88) e buscando o espaço da rua, fragmentado e descontínuo, em movimentos muito mais heterogêneos do que até então estavam acostumadas. Conseqüentemente, os investimentos do mundo feminino passavam mais pelos projetos que envolviam a carreira, os desejos individuais e o sucesso na vida afetiva, que seria centrado na melhoria dos sentimentos em que estavam envolvidos e não mais apenas em agradar o outro.

Conjugada ao desenvolvimento do país, as mudanças possibilitaram a melhoria, no nível de vida das famílias de classe média que delineariam oportunidades diversas para as mulheres em termos de escolarização, assim como nos ocupações profissionais. À proporção que participavam da vida pública e o contato com o fluxo de novidade oportunizou a ruptura com uma vivência somente doméstica. Assim, a presença feminina, cada vez mais, nos espaços produtivos significaria, além da sua saída dos domínios da vida privada, a constituição de valores inovadores nas diversas relações sociais que apontariam mudanças no comportamento das mulheres. É nessa perspectiva, que valores e estilos de vidas, centrados em relações afetivas tradicionais, deixam de ser a base de construção do que se aceitaria como a situação natural para as mulheres.

Nesse sentido, algumas das transformações foram vividas no âmbito privado quando as mulheres configuram relações afetivas diversas do que era moldado para o seu viver. As mudanças podem ser notadas pela expectativa que os jornais propagavam sobre essa nova mulher nas vivências matrimoniais. Nesse sentido, são perceptíveis as mudanças nas páginas do jornal *O Dia*, em virtude das significativas transformações ocorridas nas formas de relacionamento entre as pessoas.

Na verdade, ao tempo em que esses discursos deixavam ver a diversidade dos investimentos afetivos figurados, nas experiências de homens e mulheres, ressaltavam os (re)significados constituídos em torno das vivências sentimentais que envolviam as possibilidades de um relacionamento e como as mulheres deveriam se portar frente às mudanças desenhadas para as relações conjugais. Certamente, o fato de possuírem desejos que nem sempre convergiam para o que seus grupos de relacionamento cobravam ou desenhavam para suas vivências, essas mulheres teciam significados diversos do que seria

delas esperado. Assim, enquanto umas vão protagonizar o papel de boa esposa, em busca de realização afetiva no interior do casamento, tentando conciliar isso com o investimento feito na carreira, outras mulheres buscarão na independência a tradução de que era possível acessar com a mesma intensidade comportamentos e sentimentos que uma mulher casada teria.

Defendendo a incorporação de outros costumes, os jornalistas propagavam que o acesso feminino aos espaços de trabalho geravam práticas distintas das que os teresinenses estavam acostumados a ver, pois esses são lugares que permitiriam a mulher apresentar significativamente facetas, que o mundo do lar em que muitas ficavam presas, não deixavam aparecer, em virtude de ser um espaço no qual a privacidade, os segredos e silêncios davam o tom do comportamento feminino, em décadas anteriores. (Re)Significações que, pulverizadas nos artigos que tratavam das mudanças de comportamentos das mulheres, salientarem como esses modelos femininos foram sendo construídos historicamente.

Destacamos, também, que a forma como era encaminhada a discussão revela, por outro lado, que a maternidade, naquele momento foi pensada a partir de outros parâmetros. Introduzia-se entre os casais, particularmente entre as mulheres, a necessidade de refletir como a gravidez planejada seria um elemento que, não só contribuiria para amenizar problemas mundiais, como abriria um campo de possibilidades para as mulheres levarem uma vida mais tranqüila. Aqui, observamos que o uso dos anticoncepcionais, por terem um efeito mais eficaz, traria como justificativa o fato de ser uma garantia para o controle da gravidez que ocorria apenas, no momento que a mulher desejasse. Tema esse abordado, por exemplo, na seguinte matéria de jornal, que mostra as vantagens do uso de anticoncepcionais.

Não há provas de que as pílulas anticoncepcionais possam causar efeitos colaterais graves, como o câncer, a diabete ou a esterilidade permanente. Mas como estas possibilidades foram sugeridas por alguns pesquisadores, ela esta sendo submetida a uma intensa pesquisa com o objetivo de dissipar as dúvidas de algumas mulheres que ainda hesitam em usar a pílula.

As declarações são do professor Richard A. Edgren famoso pesquisador americano de contraceptivos hormonais que chegou ao Rio com o objetivo de proferir palestra. Todos consideram grave o problema de crescimento da população mundial, mas há discordância quanto ao momento em que se deve começar a agir. Acredito, no entanto, que a maioria das pessoas concordem em que este crescimento deve provocar as medidas necessárias o mais rápido possível. Atualmente a população mundial é de 3,5 bilhões de habitantes e o problema da fome já é muito sério, mas isto será muito pior no ano de 2000 quando nós tivermos 6 bilhões de pessoas com problemas maiores. (O DIA, 1970: 5).

Ao abordar a questão de como lidar com o uso da pílula, observamos pelo artigo que algumas das argumentações evidenciavam as mudanças enfatizadas no texto. Primeiro a

presença, em julho de 1970, do professor e pesquisador americano Richard A. Edgren, no Rio de Janeiro é um indicador de que, ao proferir palestra a respeito da viabilidade e segurança com que o uso de anticoncepcionais favorecia a planificação familiar, afirma, para a sociedade brasileira que o seu uso era um método contraceptivo em que os efeitos colaterais divulgados pelo senso comum não encontravam respaldo nas pesquisas científicas. Por outro lado, esse artigo é um indicativo de como os problemas relacionados à questão sexual das mulheres passam a ter maior visibilidade na imprensa, pois o uso da pílula permitiria às mulheres planejar melhor o número de filhos, bem como planejar o momento ideal para uma gestação que poderia ser conciliada com outras atividades exercidas pela mulher.

Por outro lado, a resistência à utilização da pílula, enfatizada no artigo, aborda claramente que essas eram mudanças de comportamento consideradas de certo modo, distantes de muitas mulheres, mesmo daquelas que faziam uso da pílula. O que levaria à preocupação de destacar, cientificamente, os pontos positivos que estavam presentes no uso da pílula como forma de minar uma expectativa de resistência de uma parte das mulheres. É inegável que muitas daquelas argumentações tinham uma influência maior entre as mulheres, que percebiam, nessas novas possibilidades, caminhos diferentes para sua vida e daí a formulação de outras vivências, ainda que relacionadas a campos tradicionais, como o da família e da procriação.

Com a figuração de um método de controle mais fácil de ser manipulado pelas mulheres, apesar dos possíveis danos que causariam à saúde feminina, é significativo que a pílula passaria a ser uma marca da revolução sexual das experiências de muitas mulheres, daquele momento. Entre as jovens que não viam o sexo como um tabu, mas uma experiência que deveria ser vivida, no momento desejado e sem a preocupação de engravidarem, a pílula representou a efetivação dessa questão se realizar na prática e de forma segura. Já para as mulheres casadas, a pílula significaria uma possibilidade de planejamento da gravidez. Além disso, ampliavam as possibilidades das mulheres viverem uma sexualidade mais livre, ao tempo que foram construindo mudanças nos comportamentos daquela geração, no que diz respeito às questões de afetividade.

Mesmo considerando essa preocupação das mulheres em relação ao uso do anticoncepcional como método contraceptivo, é inegável que este ganhou a adesão de muitas mulheres brasileiras. Segundo Joana Maria Pedro (2003), que realizou estudos com mulheres de gerações diferentes em experiências com contraceptivos, as mulheres que nasceram entre 1940 e 1959, chamadas por ela de “geração pílula”, conviveram de perto com esse método contraceptivo. Distribuído com certa facilidade por programas internacionais de planejamento

familiar, como foi o caso da Sociedade Civil Bem-Estar Familiar (BEMFAM), ou mesmo adquiridos no comércio farmacêutico, as pílulas passaram a ser um dos métodos de controle mais utilizados pelas mulheres. Outro ponto abordado pela autora refere-se à questão de que a imprensa de uma forma geral daria ênfase a essa questão, ora trazendo discussões sobre o método contraceptivo, bem como a opinião de mulheres, ora enfatizando o perigo que o método trazia para a saúde feminina.

Ao encontro dessas mudanças vem a propagação dos movimentos de mulheres significadores de outras referências, para o comportamento feminino. Tendência reverberada na nova vaga¹ do movimento feminista dos anos 1960, que teve como centro de proeminente manifestação os Estados Unidos. Diverso em sua constituição o movimento feminista possibilitaria, antes de tudo, a efervescência de discussões relacionadas às mulheres. E o que se observa, de uma maneira geral, é que a ampliação de abordagens sobre os significados do universo feminino permitiria que tanto a imprensa como a sociedade começassem a se ocupar com questões que antes eram debatidas nos grupos feministas.

No Brasil, a conjuntura política, naquele período, principalmente, a partir de 1964, quando é instalado um regime militar de caráter autoritário, levaria à perseguição e, em muitos casos ao exílio uma gama de intelectuais, jornalistas, escritores e artistas, que faziam oposição ao regime, por meio das mais diferentes manifestações. Inúmeras foram as mulheres que fizeram parte desse processo e tiveram, no exílio, uma das marcas de sua vida. Contexto que contribuiu para muitas dessas exiladas entrassem em contato com as manifestações feministas de outras regiões e enviassem material para o movimento de mulheres, que começava a se configurar no Brasil, no final dos anos 1960.

Por outro lado, a expansão dos chamados grupos de reflexões, nos primeiros anos de 1970 no país, possibilitaram que as discussões ligadas a políticas do corpo fossem articuladas entre as abordagens que as feministas delineariam como reivindicações de sua causa. Temas como a sexualidade, o aborto, o prazer e a contracepção circulariam, através de discussões legitimamente válidas em seu interior. Desse modo, no contexto autoritário brasileiro, dos anos 1970, a questão feminista ganharia lentamente espaço de visibilidade, tanto pelas

¹ Desconsiderando as manifestações de mulheres que aconteceram em períodos anteriores ao século XIX o movimento feminista no mundo é dividido em duas vagas. Uma que tem sua primeira manifestação no final do século XIX, quando as mulheres empreenderam uma luta pela sua emancipação que consistia em terem acesso a educação, ao voto e ao trabalho. No Brasil esse movimento ganharia corpo somente nas primeiras décadas do século XX com a liderança de algumas mulheres que tinham uma formação intelectual como Bertha Lutz. A segunda onda teria seu início a partir dos anos 1960. Para melhor compreensão de como ocorreram as manifestações das feministas no Brasil nas três primeiras décadas do século XX, ver: BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de Gênero no Brasil, 1971-1940*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1999.

reivindicações mais gerais, como pela introdução de uma agenda que discutia problemáticas de cunho mais subjetivo e das relações interpessoais.

Como muito daquilo que era reivindicado pelas feministas era visto de forma pejorativa, como uma questão pequeno-burguesa, o movimento só ganharia maior visibilidade após 1975. Naquele ano, seria comemorado O Ano Internacional da Mulher, que projetaria muito das propostas que os grupos feministas vinham desenvolvendo paulatinamente, nos anos anteriores. Seria, também, um momento propício para o surgimento de grupos feministas que ganhariam maior visibilidade, nos meios de comunicação, como o Movimento Feminino pela Anistia. É também quando surge uma imprensa que se voltou para as questões debatidas pelo feminismo, como o Nós Mulheres e o Brasil-Mulher, ambos atuando entre os anos de 1975 a 1980.

Assim, convém enfatizarmos que os discursos direcionados para a mulher enquanto responsável pelas mudanças necessárias a sua condição foi também uma constante, nos artigos que versavam sobre as conquistas femininas e as diferenças entre os sexos. E a década de 1970 mostrou um grau de efervescência crescente relativa às manifestações no mundo, por bandeiras, que levaram à ruptura da imagem de mulheres dóceis, submissas e voltadas somente para o espaço do lar.

Dessa forma, os numerosos artigos publicados pelo jornal *O Dia*, na década de 1970, que tinham como cerne formulações relativas ao movimento feminista, constituem um indício do grau de penetração das idéias feministas, em Teresina, e mesmo como essas discussões vão reverberar as mudanças vivenciadas e almejadas por muitas mulheres. Embora, não sendo a preocupação central do presente trabalho, a constatação da força que o movimento feminista ganhou nas páginas do jornal nos ajudou a perceber, até que ponto, as discussões presentes, nessas escritas, prescrevem uma identidade feminina e revelam a imagem de mulher que ganhou notoriedade por meio de tais textos. Em relação a essas questões, o jornal *O Dia*, em junho de 1971, publicou um texto de Carmem da Silva,² em que aparecem muitas desses elementos.

Muitas mulheres se contentam em desempenhar funções de bastidores; colocando-se num modesto segundo plano [...]. Longe de mim menosprezar a importância dessa ajuda. Deve porém admitir que não basta encaminhar projetos alheios e existir através de terceiros: cada ser humano necessita realizar-se por se mesmo, assumir sua identidade, afirmar seu eu singular, através de compromissos com o mundo, na luta por objetivos autônomos, impossíveis de delegar a quem quer que seja.(O DIA, 1971: 20-21).

² Carmem da Silva foi uma jornalista/psicóloga que publicou entre os anos 1960 e 1980 uma série de artigos na revista *Cláudia* sobre comportamento feminino e reflexões sobre o movimento feminista

O artigo da jornalista/psicóloga mostra por uma argumentação baseada em referências da psicanálise, como as mulheres foram modeladas, para aceitarem uma condição de auxiliares na vida de homens. Para Carmem da Silva, um reforçador dessa condição era o discurso que limitava a vida de tais mulheres a desejos relacionados somente a cuidarem da casa ou dos filhos. Segundo a autora, quando as mulheres não questionavam esse destino, por imposição da sociedade ou por medo de uma reação, que abalasse sua vida, consideravam normal, essas mulheres somavam para manutenção de um quadro onde a sua individualidade não era considerada. Era preciso, então, quebrar essas barreiras, formulando os projetos individuais, assumindo identidades, que fossem reconhecidas, não pelo que os outros projetavam em sua pessoa, mas pelo que elas conseguiam concretizar enquanto seres autônomos e com desejos próprios.

Em grande parte, esse é um discurso que reverbera fortemente na maioria dos escritos. De um lado, a projeção de argumentos que realça negativamente o que aquele discurso de mulher criada para o lar sufocava na personalidade feminina e permitia a perpetuação de sua condição, a priori, inferior em diferentes espaços, assim como novos rumos deveriam ser tomados por essa mulher mediante à assimilação dessas novas idéias que chegavam intensamente as suas práticas.

Além disso, são esses movimentos que nos permitem perceber como as mulheres subjetivam-se afetivamente e vão delineando outros desejos, sentimentos e matrizes amorosas e sexuais, tanto no casamento como fora dele. São as (re)significações postas às vivências femininas e masculinas que geraram expectativas e exigências emocionais, psicológicas e sexuais, pautadas em padrões mais diversos do que os indivíduos estavam habituados a compartilhar, formando outros questionamentos, para o que deveria ser esperado na intimidade de um relacionamento, seja ele uma união formalizada ou não.

Os sentimentos de amor passam a ter uma valorização maior na escolha dos parceiros e até mesmo na permanência de um relacionamento mais duradouro. O prazer sexual possui nos sentimentos amorosos uma ligação forte, ao configurar como um outro elemento nessa nova proposta de vivência da sexualidade. Assim, aos casais, não importava apenas juntarem-se com o objetivo de procriação, mas se unirem para formar uma vida em que estavam presentes os interesses pessoais de ambos, na relação e a realização recíproca do prazer sexual como elemento-chave, na manutenção ou dissolução do casamento.

Diante dessa nova dimensão, estabelecida pela sociedade aos relacionamentos, a sexualidade ganha espaços, nesses diferentes suportes, passando a ser escriturada, por jornalistas, psicólogos, médicos, problematizada com ênfase, na mídia, e tratada como um

componente inovador, nas relações entre os casais. Dessa forma, encontramos matérias que constroem reflexões sobre a relevância das mulheres em conhecer seu corpo, de negarem a imagem de mulher-objeto e de afirmar o que querem.

Esse desconhecimento do corpo garante Germaine, é que levou a mulher a aceitar todos os tipos de preconceitos, tabus e lendas que se formaram em torno dela. No entanto, as mulheres continuam a aceitá-las. Para a grande maioria das mulheres do mundo, os órgãos sexuais femininos, a menstruação, o parto o próprio ato sexual continuam sendo ainda mistérios, coisas proibidas, castigos, punições. Essas fantasias são aproveitadas- formuladas ou reformuladas- pelos homens para provar a inferioridade feminina. Com isso nega-se tudo a mulher: desde as aspirações até as melhores colocações no trabalho, na vida social, na política e na economia chegando ao cúmulo de proibir o prazer sexual (O DIA, 1972: 30-31).

Um aspecto importante no fragmento supracitado refere-se ao prazer sexual, pois muitas mulheres foram educadas, desde a infância, para negar o prazer que as experiências sexuais poderiam proporcionar. Em virtude da moral sexual rígida que os pais passavam para as filhas, se afastava qualquer conhecimento que se aproximasse de assuntos relativos à questão de sexo ou prazer. Para as mulheres, a regra consistia em manter a virgindade até o casamento, o que atrelava seus desejos à dependência do conhecimento que o marido possuía. Como muitas mulheres chegavam a viver sua primeira experiência sexual somente após o casamento, a inexperiência aliada à vergonha contribuía para reprimir os sentimentos proporcionados por esse ato.

À medida que as mudanças começam a se avolumar, eram cada vez mais intensas expressões de questionamentos perante uma moral sexual que privilegiava apenas as experiências masculinas, em detrimento do que a mulher sentia, possibilitando que muitas daquelas mulheres educadas, a partir de um modelo de devoção e fidelidade ao esposo, sem questionar os que sentiam ou o que estes poderiam proporcionar, passassem a exigir e a discutir em que medida o prazer sexual fazia parte de sua vida enquanto mulher. Embora algumas dessas críticas tenham sido formuladas muito mais pelas falas de mulheres, acreditamos que, nessas construções, se enfatizavam outros modelos de relacionamentos e subjetividades femininas questionadoras das hierarquias de gênero formuladas, muitas vezes, pela questão sexual.

Esse discurso é reforçado com a publicação, no jornal, em março de 1972, de um artigo assinado por um médico que trata da questão da sexualidade dos casais, a partir do tamanho dos órgãos genitais. Trabalhando com histórias de casamentos que deram certo, não porque o homem possuísse um órgão genital avantajado, mas em razão de despertar, na mulher, carinhosamente o amor propiciado numa relação, Saul Luks, deixa ver como o amor

passa a ser um componente de afetividade, delineado por homens e mulheres nos relacionamentos. A masculinidade desejada pelas mulheres, e que os homens deveriam provar, aparece na fala do médico veiculada à proporção de entendimento e compreensão que este despertava na mulher.

A verdadeira mulher prefere um homem gentil, porém másculo. Ao fazer amor ela deseja que ele a trate com respeito e a afogue num mar de felicidade. O homem tem de se dar o trabalho de fazê-la atingir o clímax com ele. É isto que a mulher quer e isto nada tem haver (sic.) com a dimensão do órgão genital masculino. Salvo em casos excepcionalíssimos, a dimensão do membro masculino não tem a mínima relevância para a verdadeira felicidade conjugal (O DIA, 1972: 3).

Dado o fato de muitos casamentos serem realizados sob a égide de regras morais e religiosas que não permitiam comportamentos fora dos costumes tradicionais, esse prazer não era algo central, nos relacionamentos, em décadas anteriores, e aí se incluía a não transmissão, às jovens casadoiras, de ensinamentos que despertassem sentimentos de amor, de prazer e de questionamento da autoridade do futuro marido, para não haver críticas às obrigações que cabiam às esposas, dentro do lar e do casamento. Mas, a despeito de toda essa normatização, parte das mulheres buscou extrapolar o relacionamento, para além de um casamento centrado no prazer masculino. Elas desenharam, para esse tipo de relação, características de que poderiam ser fonte, também, de felicidade em todas as suas dimensões, sendo que a fala da articulista é uma, entre as muitas que reivindicam do casamento a condição de prazer.

Valorizam-se os aspectos subjetivos e psicológicos, em detrimento das questões físicas. As histórias narradas, nos artigos, revelam, ainda, que a sexualidade, para os casais, não era concebida como uma questão mecânica, pelo contrário, precisava ser constantemente trabalhada, elaborada e organizada, a partir dos interesses dos membros envolvidos na relação. Dessa forma, a mídia sugere outras vivências sexuais na construção das relações conjugais, discute abertamente como os casais procurariam soluções que os tornassem mais satisfeitos, sexualmente, contribuindo, significativamente, para reformulações daquilo que seria um padrão de sexualidade, no período.

Por conseguinte, estas novas propostas não apenas insinuam um valor de igualdade entre os gêneros, mas incorporam a paixão e a sedução como ingredientes fomentadores de um casamento, que poderia se manter sólido. Nesse aspecto, Dulcina Teresa Bonati Borges aborda que, “de acordo com esta nova concepção de relacionamento, ficou difícil se definir genericamente o que seria um ‘bom casamento’. Tudo depende dos desejos, das possibilidades, e necessidades de cada um” (BORGES, 1998: 66). Assim, os limites entre

valores tradicionais e novas propostas prescrevem modos de vida e vivências sexuais, para homens e mulheres, na vida íntima, no convívio familiar e no cotidiano de suas atividades, que desafiariam a construção de identidades mais autônomas e fragmentadas tanto na esfera privada como pública. O resultado desse contexto seria uma escrita que induziria os leitores e leitoras a buscar, cada vez mais, a valorização de seus sentimentos, individualidades e, acima de tudo, forjarem práticas fomentadoras de uma melhoria afetiva nas relações familiares, nos conflitos conjugais e na forma como as individualidades de homens e mulheres deviam ser vistas, dentro dessas novas posturas.

Nesse sentido, o sentir desejo, prazer e encarar a sexualidade, por padrões de igualdade, passa a ser escriturado pelo jornal. Essas possibilidades de arranjos comportamentais protagonizadas pelas mulheres permitiram, não só novas configurações para a vivência feminina, como também escrituraram quais os caminhos necessários para esse viver. Assim, os níveis de escolarização, a profissionalização, a vivência de outras atitudes perante a família, o casamento e a sexualidade atribuíam outros modelos femininos, ao mesmo tempo em que funcionavam como pontos de referências (re)definidores dos comportamentos femininos, nos anos 1970 e novos investimentos, no que concernem aos seus valores afetivos.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Dulcina Tereza Bonati. *A Cultura “Psi” das revistas Femininas (1970-1990)*. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas,
- BARBOSA, Gracinha. As mulheres é que vão libertar o homem. *O Dia*, Teresina, n. 3.535, 30/31 jan. 1972. Caderno de Domingo, p. 2.
- MÉDICO AMERICANO NÃO VÊ PERIGO NO USO DA PÍLULA. *O Dia*, Rio de Janeiro, ano XX, n. 3055, p. 5, 29 jul. 1970.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v. 27, m. 53, jan/jun., 2007. p. 195-212.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em 17 ago 2007.
- SILVA, Carmem da. Seja o que você é. *O Dia*, Teresina, n. 3320, 20/21 jun. 1971. 2º Caderno, p. 4.
- LUKS, Saul. Coisas que você precisa saber. *O Dia*, Teresina, n. 3585, p. 3, 31 mar. 1972.